

NOTÍCIAS
ilustrado
EDIÇÃO SEMANAL DO
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Gloria aos Combatentes da Grande Guerra!



**GRANDE REPORTAGEM DO CONGRESSO DAS BEIRAS
no interior deste numero, com «clichés» de serra ribeiro**

ANO II—SÉRIE II—N.º 54

O NOTICIAS ILUSTRADO

LISBOA, 23 DE JUNHO DE 1929

PROPRIEDADE E EDITION DO «DIARIO DE NOTICIAS». SÊDE: RUA DIARIO DE NOTICIAS, 78 LISBOA—TELEFONE: T. 821—TELEGRAMAS:—NOTICIAS LISBOA—OFICINAS GRAFICAS: COGRAVURA, LIMITADA, RUA D. PEDRO V 18 — TELEFONE: 631 N.—LISBOA

PREÇOS DE ASSIGNATURA	6 MESES	12 MESES	24 PAGINAS
	Portugal Continental e Insular... 55400	Portugal Continental e Insular... 70800	
	Ultramar... 21000	Ultramar... 25800	
	Espanha... 54400	Espanha... 76400	
	Brasil... 45400	Brasil... 88400	
	Outros países... 50400	Outros países... 100800	

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS. EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO. DIRECTOR GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO

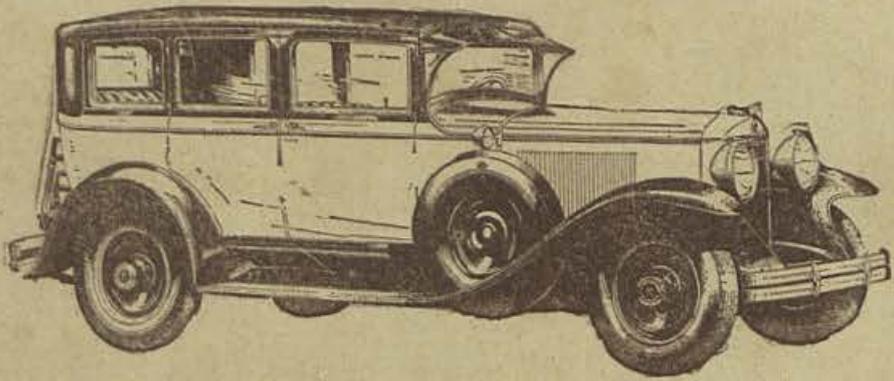
A Comparação Revela Seu Valor



Dos nossos esforços para apresentar um automovel de seis cilindros, de construção esmerada e a um preço ao alcance de todos, resultou uma procura cada vez maior para o «novo» GRAHAM-PAIGE 612. Convidamos todos os automobilistas a observar as qualidades abaixo indicadas e examinar este carro fazendo as suas comparações.

A Graham-Paige oferece uma variedade de tipos de carroserie, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco diferentes chassis de seis e de oito cilindros a preços diversos.

*Joseph B. Graham
Robert B. Graham
Ray A. Graham*



Solida Carrosseria e Motor Possante.

A bela e solida carrosseria do Modelo 612 é construída nas fabricas da Graham Paige, de madeiras duras cuidadosamente escolhidas, cortadas e curadas nas proprias serrarias da Graham-Paige; a construção da frente é inteiriça de aço; os assentos são amplos na frente e atrás;

interruptor da iluminação no volante de direcção; soalho guarnecido de borracha, à prova de ar e de ruidos; estribos de aço; guarnições artisticas e duraveis. O motor é de desenho moderno—possante e ligeiro.

Representante geral para Portugal:

J. COELHO PACHECO

21, Avenida da Liberdade—Lisboa

Salão de Exposição e «Serviço» - 90, R. Braamcamp, 94 - Tel. (P.B.X.) N. 2595

Agencias no Porto:

MANUEL DA SILVA CARMO & CT. LT.—129, R. de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

CRONICA MUSICAL

Ruy Coelho e Tomaz Alcaide fizeram agora as suas festas artisticas. Estes nomes conhece-os já o publico de Lisboa e talvez de todo o Portugal. Trata-se dum musico, dum maestro, e dum tenor. Andou este pelo estrangeiro a criar fama, a colher bons applausos para que a gente da sua terra bem o recebesse e porventura festejasse. Tem andado aquele a moirar pelo seu paiz, a lutar, a ter desilusões e a semear boas cadencias para que a alma portuguesa não se perca musicalmente. Lisboa é uma cidade injusta, desconfiada, de má fé.

Quando lhe proporcionam o que é bom, quer sempre melhor, quando lhe dão o mau vociferar, torna-se insolente, arrogante, presumida. Mas, com todos os seus defeitos Lisboa tem as vezes coração e esta affina com o raciocinio, e então é vê-la febril, extatica, acolhedora. Os que conhecem o velho burgo lisboeta não se amedrontam, resistem e das duas uma: ou nada valem e sossobram sempre, ou tem talento e vencem definitivamente! Tomaz Alcaide não precisou telmar. Apareceu e teve a victoria. Venceu pelo agradavel triunfo da sua voz facil, dominou por qualidades secundarias que em teatro muitas pessoas julgam de pouca monta. Em scena foi o cantor e a pessoa. Vestiu-se bem, apurou-se, soube pisar os taboas do palco e conquistou a plateia. Os frequentadores de opera estão pouco habituados a estas particularidades. E' claro que o artista não conseguiria os applausos se não cantasse com arte. Mas, um Duque de Mantua, do «Rigoletto» aprumado, fino, aristocratico insinuou-se.

LIVROS

«AMOR DE DEUS E DA TERRA» (2.ª edição)—poemas de Nuno de Montemor.

HA já semanas que me chegou às mãos este admirável livro, agora publicado em segunda edição.

Porque o li com assombrado encanto, porque medi bem a distancia que o separa de tantos outros livros, de quasi todos os livros que vem parar a uma redacção de jornal, não me apressei a fazer-lhe referencia. Quis aguardar o momento em que o pudesse reler, em plena tranquillidade, com o pensamento bem limpo das recordações importunas e vãs que nelle deixam as leituras sem fruto. Esperei que serenasse o ar, depois de passarem alguns bandos de pardais... Atravéz duns versos alados, quis vêr bem nitidamente o azul do espaço, quando nenhuma outras azas o cruzassem.

Nuno de Montemor é, na verdade—como tão bem o definiu Afonso Lopes Vieira—um dos mais «puros» poetas de Portugal. E' o pela sua intensa emotividade, pela sua ansia de expansão, de confidencia. Distingue-se, porém, dos nossos liricos mais representativos, pelo secundario lugar que concede ao sentimento amoroso e pelo seu elevado espirito cristão traduzido numa confiança forte que o poeta depõe aos pés de Deus e consegue impregnar os seus cânticos, tão profundamente elegiacos, duma alegria mística e saudável.

Quantos «poetas» se devem envergonhar dêsse nome, depois de lerem os hinos que, em louvor de Deus e da Terra, humildemente compôs Nuno de Montemor!

Em muitos dos seus cânticos—mas principalmente em «Ninho Morto» e «Cântico da Dor»—, Nuno de Montemor consegue, com despreocupada segurança, elevar-se ao que deve ser a suprema aspiração do poeta: fazer da sua alma e dos seus versos a sintese de todas as almas dolorosas e impotentes, o queixume de todos os lábios condenados ao silencio.

Em «Amor de Deus e da Terra»—livro que deixa um intenso perfume de crença e de fé—, parece adivinhar-se a marca rarissima das obras destinadas a serem sempre aceites com o mesmo entusiasmo, porque nelas não há vestigio de paixões efémeras e restrictas mas de sentimentos eternos que, tendo raizes no coração dos homens, só florescem sob a luz doce do amor de Deus.

THEREZA LEITÃO DE BARROS

N. da R. — Faz-se referencia critica a tôdas as obras de que nos fôr enviado «um» exemplar.

Agora Ruy Coelho. Não se impõe pela elegancia da regencia; nesse ponto temos visto em Lisboa do melhor que ha. Mas dá em troca musica portuguesa, musica que traduz produções de Portugal, ingenua na linguagem simples da Natureza, os vestidos no ritmo cantante dos melhores pontos e prosadores. E o portuguez comove-se, avoroça-se como se comovesse, se avoroçam todos os que sentem junto do seu coração a sua propria raça! Ruy Coelho nem sempre tem dado o nosso caracter etnico; mas o seu trabalho, o seu valor de orquestrador vão progredindo, apropriando-se. E está a vencer tambem. São estes dois artistas portugueses que realisaram agora as suas festas artisticas. Não faltaram nelas applausos, abraços, saudações. Elas devem servir mais de incentivo do que de gloria. Não julgue Tomaz Alcaide que é o primeiro tenor do mundo, nem suponha Ruy Coelho que a sua fama pode já pôr-se no lado da que disfruta Debussy, ou Granados, Wagner ou Bellini. Nada de vaidades.

NOGUEIRA DE BRITO

O "NOTÍCIAS" ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

CRONICA DE VIAGEM

NOTRE DAME DE LA ROULETTE

Por Feliciano Santos

SEMPRE que passo em Monte-Carlo—e bem posso dizer «sempre» porque já mais duma vez aqui me tenho detido—a lembrança dum romance de Julio Verne, lido na mocidade distante, acompanha-me, como a sombra acompanha o corpo, através dos jardins que rodeiam o Casino.

Não recordo minuciosamente as peripetias do romance, que se intitula «Mathias Sandorff», mas evoco a impressão que me fez a descrição dos salões de jogo, em que sob os tectos dourados rolavam montes de ouro, no pano verde da roleta e do trinta-quarenta.

Talvez para manter intacta esta impressão da mocidade, nunca quiz mergulhar nas salas de jogo do Casino dos Estrangeiros, limitando-me a andar de roda do casarão colossal, no meio duma desilusão. Mas como, passar em Monte-Carlo em missão dum periodico e não surpreender a funcionar a grande batota mundial, me pareceram coisas incompatíveis, decidi-me, desta vez, a pagar os dez francos da entrada e a penetrar, com uma ligeira emoção de iniciado nas naveas da grande catedral de «Notre Dame de la Roulette».

Para os olhos já afeitos à sobriedade da decoração modernista as ornamentações das grandes salas de jogo de Monte-Carlo tem qualquer coisa de envelhecido e triste, um ar meio brie-à-brac meio capela de casa rica. Um tom geral eclesiástico e litúrgico desce da vastidão dos tetos concavos, vem até nós dos retábulos enfumados das paredes, sobe do silencio recolhido dos pontos, abançados em redor das grandes mesas, em cujo centro a roleta e a respectiva bola parecem girar sobre a borracha devoradora do som. Rigorosamente, nestes salões dormentes como igrejas à hora da missa, não ha jogadores, ha fieis praticando um culto, devotos do Azar, irmãos da grande confraria da Sorte, que esperam do seu orago a salvação da conta do hotel ou a bemaventurança eterna duma fortuna de acaso.

O que mais impressiona são as caras e os tipos, que na meia luz, que desce dos grandes «abat-jours» de seda verde, tem tons espectrais, rictus de anciandade e pavor, rostos que são verdadeiramente almas com olhos, nariz e boca para traduzir em ex-

pressões a tortura da duvida, a agonia da espera ou a alegria da vitoria.

Em redor das mesas, mulheres, muitas mulheres, mais mulheres do que homens e mais velhas do que novas. Os dedos tremulos avançam sobre o pano verde, para apostar ou engadam-se como garras, para recolher as paradas ganhas mas todas essas mãos, sejam as mãos macias e bem tratadas das cortesãs ou os galhos ressequidos das velhas viciosas, tem, entre o verde da luz e o verde do pano, a mesma palidez da angustia, a mesma tremura de delirio.

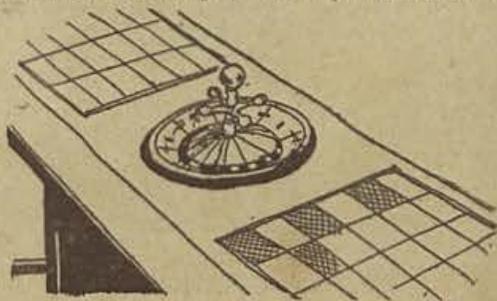
E a bola gira, vertiginosa, saltitante, surda no silencio dominante. A voz dos «croupiers» annuncia o numero, que a sorte elegeu, no murmúrio com que o sacerdote diz o «orate, patres» da missa. Rápidas, gulosas, avaras, as «raquettes» puxam as fichas perdidas. Lentas, silenciosas, surdas quasi, caem sobre o «panneau» almofadado da mesa as fichas das paradas ganhas, «atiradas d'alto pelo jogador que acertou. Nem um riso claro sublinha a vitoria dum pleno. Nem um soluço marca a ruina duma fortuna desabando com o último «jeton» de dez francos que a «raquette» devoradora arrastou. Só o tilintar das fichas, leve, argentino, como um repique longinquo de sinos, faz um ligeiro pontilhado de som no silencio impressionante desta grande catedral de Nossa Senhora da Roleta.

Os proprios «croupiers» e os fiscaes, vestindo smokings e fraques de alpaca negra, tem um ar funebre e eclesiástico, entre gato-pingado e sacristião.

A impressão dominante é a do templo e mesmo quem, como eu, penetra por simples curiosidade os humbraes dos salões de Monte-Carlo, onde ha tantos anos os homens vem sacrificando à ilusão do jogo o sangue das suas bolsas, caminha em bicos de pés, coma presentindo a presença invisivel dum Deus formidavel, senhor dos destinos humanos, Moloch que se alimenta de almas em delirio, imperando sobre um trono de ouro, dispensador de emoções e de fichas de cem francos.

Monte-Carlo, Junho de 1929.

FELICIANO SANTOS



A CASA DE ITALIA

A grande nação latina que é a Italia, paiz cujo progresso assombra o mundo, — tem em Lisboa um representante em tudo digno do prestigio do governo de Benito Mussolini.

O sr. ministro de Italia habita o antigo palacio do Conde de Pombeiro, ao Paço da Rainha, sumptuosa moradia da velha Lisboa pombalina, a que o gosto da arte decorativa italiana empres-



Um belo salão cheio de elegancia.

Um corredor do Palacio.



O illustre Ministro de Italia Snr. Guiseppe Bastianini.



Curioso aspecto de outra sala.



Madame Bastianini e seus filhos.

tou, no interior, os soberbos aspectos de nobresa e de magestade que iluminam esta pagina.

Procurando homenagear o jovem diplomata, tão brilhante e tão acolhedor que o Snr. Giussepp Bastianini dá hoje a estampa «O Noticias Ilustrado» alguns aspectos





dos sumptuosos interiores da Legação de Italia.

Ha, em todos, um elevado espirito artistico, harmonico e superior, presidindo ás suas decorações e moveis. Ve-se quanto o espirito do berço da Raça Latina paira hoje no ambiente desse Palácio, espirito que irmana com o pombalino da arquitectura evocadora, tambem, de uma figura que na hora propria, como o Duce, soube com sua mão firme tornar Portugal cheio de prestigio e de valor.

Hoje que o renascimento da Italia é uma lição para a Europa poucas são sempre as palavras de elogio para esse rejuvenescimento das antigas tradições do grande povo S. P. Q. R.—que ao Mundo deu cultura e progresso e toda uma noção de verdadeira supremacia.

Saudando o senhor Ministro de Italia e sua esposa «O Noticias Ilustrado», aproveita o momento da chegada da grande esquadra italiana—homepagem que o nosso paiz reconhece—e sauda, assim, em estes diplomatas todo o nobre povo italiano.

Um detalhe que marca a imponencia da Legação.

VEET



Usai sempre VEET que é o depilatorio preferido por milhões de senhoras em toda a parte do mundo

PODE-SE ORTER VEET NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS DE TOILETTE.

PREÇO: 10\$00 CADA TUBO. PELO CORREIO 11\$00

Representante em Portugal

T. RODNEY HATHERLY

Rua da Conceição, 35, 2.º—Lisboa

TEL. C. 2945



ACTUALIDADES REGIONALISTAS

A' DIREITA: — A nova Direcção da União dos Logistas Barbeiros e Cabeleireiros do Porto.— Um grupo de illustres clinicos saindo da Sé Catedral, em Faro, quando de «Os Dias Medicos» em esta cidade.

TODAS as tardes na explanada do Londres o Guerra e o Lopes tomavam café e discutiam. Muitas vezes o Rosenthal, um alemão pacato, «ship-chandler» da Hamburg Linie, fazia parte do grupo. Quando estavam

sós, os dois portugueses, falavam de coisas graves. Cada um tinha o seu sistema de salvar a pátria. O Guerra punha o nosso futuro nas colónias, o Lopes entrava-o unicamente na máxima expansão das vinhas pelas encostas do Continente.

Nada de pretos, brancos, só brancos, e enxadas, muitas enxadas.

Angola podia vender-se. Moçambique alugava-se. S. Tomé como dava bom rendimento conservava-se; o resto, Índia, Macau, Timor, eram trambolhos que era necessário alijar... O Guerra obtemperava que isso era asneira. Mesmo que Portugal fôsse uma grande vinha, os pretos faziam falta para lhe beber o produto. O refugio pelo menos. E o café. E o assucar? E o algodão? E a borracha. Oh, Lopes então pensas abandonar a borracha com tantos taxis a romperem pneumáticos...

—Ora quando tivermos boas estradas já os pneus descansam.

E nestas discussões que por vezes se azedavam ia passando as horas da tarde. Quando chegava o alemão mudavam de conversa e o Lopes para o arrelhar dizia mal da Kultur prussiana, anatematizava a guerra como uma barbaridade inútil e soezmente mercantil. Rosenthal sorria; sorria e virava copos de cerveja.

Uma tarde a conversa entre os dois versava outro ponto delicado. Guerra dizia mal do nosso atraso. Que nós eramos o carro de bois da Europa, uns madraços atarracados, inimigos de todos os progressos e rebeldes a todas as inovações. E o Guerra apontava exemplos. Até o que tínhamos de bom estragávamos com a etiqueta estrangeira. Os chapéus feitos em Braga eram vendidos como italianos ou gregos. As sardinhas algarvias luziam rotulos de Nantes que nem sequer é um porto de costa...

O Guerra obtemperava-lhe que sim que isso era assim no tempo industrial, porque o povo não estava educado, tinha o snobismo do exótico mas no campo das ideias não. Mil vezes não! Portugal, pelo contrário, marcava sempre o primeiro lugar na vanguarda das liberdades. Portugal tinha abolido a pena de morte quando ainda havia tortura nos outros países enormes e cultos. Portugal derrotara o absolutismo. Portugal experimentara a república e antes da guerra em pleno imperialismo germanico estava se preparando para ir mais alem, para um mais alto plano de ideais... Um hiper-socialismo laico... Estava a discussão no seu auge quando chegou o Rosenthal. Ambos queriam ter razão e para dessemprate interrogaram o estrangeiro companheiro.

Lopes repetiu as suas replicas. Guerra tornou a enumerar os seus argumentos e atordoavam-no:

—Ouça, Rosenthal, nós abolimos a pena de morte.

—Mas temos ainda o carro de bois...

—Abolimos os morgados, demos o direito a greve.

—Mas não temos zeppelins nem combóios electricos, pescamos bacalhau em barcos de vela, temos o elevador da Bica, lomos o Ponson e o Noticias Miadinho...

O teutão, pacato e doce deixava água na fervura.

—Teem ambos razão. Lá que Portugal precisa mais combóios é verdade, mas tambem andar muito na vanguarda não é prudente. Os grandes países... Sabem os senhores a história do revolver Werther?

A uma os dois amigos retorquiram.

Trinta por cento das armas rebentavam ao segundo dia de fogo. Era de facto perigoso empregá-las na Europa...

Guerra interrompia:

—Mas o que tem isso com as nossas conquistas filosóficas?

—Tem tudo. Os grandes países são os primeiros focos de todas as ideias boas ou más. Os seus governantes sentem-nos, palpamos, medem-lhes o alcance e muitas vezes resolvem experimentá-las lá longe, sem perigo de uma epidemia alarmante, em tão pequena escala que se possa debelar o mal num instante se elle mostratendências perniciosas de alastrar. Então vão injectar a sua cobaia, o seu macaco, o seu doente pobre. Essas carnes de ensaio são, por ordem de tamanhos os outros países mais pequenos...

A literatura e o operador...

Perceberam agora?

E sem esperar resposta continuou:

O revolver Werther matou em seis horas

úteis de combate cento e trinta e dois homens que dele se serviram. Calculem os meus amigos que isto tinha acontecido numa carreira de tiro da Metrópole!

Era a revolução na rua. Era o petróleo á jorra sobre a Fábrica. Era, que sei eu! A guerra civil ou a queda das instituições e assim... O relatório dos peritos ficou em segredo. Forneceram-se às tropas os cartuchos antigos e tudo correu no melhor dos mundos...

Supunham ainda que em vez de cento e tantos homens incultos tinham morrido apenas cinco ou seis criaturas de grande envergadura científica... Os senhores compreendem que a perda era incomparavelmente maior porque não era facilmente reparável. Carne substitui-se com carne, mas experiência especializada... só com tempo se pôde readquirir.

Um pormenor curioso desta aventura do revolver:

(O alemão gargalhava baixinho a erguer a caneca da Pilsener).

Sabem os senhores? Os negros que escaparam gabavam a força da arma, até rebentava, diziam eles...

Guerra e Lopes olhavam com rancor o intruso, o estrangeiro que nos tratára de cobaia, de carne de ensaio.

Tacitamente mudaram de restaurante e depois de terem desabafado comigo não contaram a mais ninguém o apolo do revolver Werther.

Mas desde então nas horas vagas lêem História.

CASTELLO DE MORAES

Uma novidade em cigarros

Da Sociedade Comercial Rebelo da Silva, Ltd., recebemos uns maços dos cigarros americanos «SPUD» que esta firma acaba de lançar no mercado e que teem a particularidade de serem mentolados. De agradabilissimo paladar são, de facto, magnifico tabaco. Agradecemos a oferta.

NO PROXIMO NUMERO
CONCLUSÃO DA NOVELA

O HOMEM QUE PERDEU O SEU TEMPO

A HISTÓRIA

dum certo revolver

NOVELA INEDITA DE CASTELO DE MORAES

ilustrações de martins barata



—Mas que tem isso com...

—Tem tudo. Ouçam lá:

Há uns anos, antes da guerra, a Casa Krupp inventou um revolver. Em homenagem a Goethe chamou-lhe Werther. Era uma arma elegante, leve, portátil e mortífera. Não se encravava no fogo repetido, tinha um descanso absolutamente seguro, a cem metros varava uma prancha de 12 centímetros de madeira. A incidência da bala correspondia matematicamente ao ponto visado, emfim, era um revolver perfeito. Meses depois do Werther ter merecido o aplauso de todos os técnicos, surgiu um novo invento.

Foi uma pólvora seis vezes mais rápida que a vulgar, sem fumo, dando ao projectil uma velocidade dupla, portanto dobrado alcance e dobrada penetração.

Tratou-se logo de adoptar nos cartuchos do Werther. Até que foram elas! O aço do Werther tinha sido feito para a outra pólvora. Era muito rijo e portanto fácil de rebentar em estilhaços sob uma pressão demasiada. Logo às primeiras experiências houve canos rebentados. Os técnicos falaram, o governo pensou. Continuar as experiências era perigoso, abandonar o revolver era pena, desperdiçar o invento era asneira. Que pensam os senhores que a Casa Krupp fez?

—Modificou...

—Para quê se ainda não conhecia bem o que havia de emendar?

—Nomeou peritos...

—Quais peritos! E se o revolver matasse os peritos? Não adivinham? Guerra e Lopes calavam.

Rosenthal bebeu um gólo de cerveja e continuou:

A ciência química tem os seus laboratórios, a medicina e a cirurgia tambem... Ninguém emprega uma vacina sem a ensaiar primeiro numa cobaia, depois num macaco e por fim num homem pobre. Se a cobaia vive, se o macaco resiste e se o homem se cura, a vacina é boa. Se eles morrem repete-se a experiência com pequenas modificações sucessivas até resultado proprio...

—De modo que...

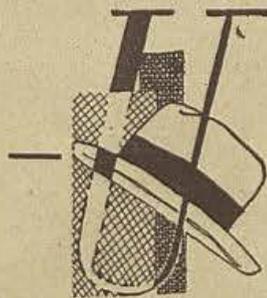
—De modo que os nossos engenheiros fizeram o mesmo. Como é impossivel uma cobaia ou um macaco aprendem a atirar com um revolver a fábrica combinou com o governo fornecer dois mil revólveres aos pretos das nossas colónias que andassem em guerra com outros e assim foi. Os delegados acompanharam a remessa e verificaram os efeitos da pólvora logo às primeiras escaramuças.



COISAS NO AR

O perigo de certos nomes

Por Augusto Cunha



Um nome é um cartaz. Pode ser o Melhor letreiro, a melhor legenda, o melhor reclame. E pode ser o contrario. Tanto pode ser optimo, como pessimo, tudo depende da escolha. Mas a variedade cada vez maior dos productos tanto nacionais como estrangeiros torna cada

vez mais difficil esta escolha.

Uma denominação perfeitamente original, inconfundivel e capaz de atrair o publico de lhe cair no ouvido, é um achado mas um achado muito difficil de achar.

Requer imaginação, bom senso, espirito critico, originalidade.

Só assim poderá escolher-se o nome que mais convem para cada caso; o nome que possa reunir todos os requisitos indispensaveis á expansão do novo artigo; o nome capaz de o lançar, de o impor; o nome que se não preste a confusões, a troças, a mal entendidos, a piadas. Mas nem todos o conseguem. Há por vezes tal infelicidade na escolha, que certas denominações alem de não dizerem nada, se prestam ainda a confusões mais ou menos serias, mais ou menos graves.

Os proprios nomes destinados a rotular as nossas vidas, são em certos casos de tão infeliz escolha, que se tornam em permanentes tragedias para quem os possui e tem de usar.

Não admira que para as coisas o cuidado seja menor ainda quasi sempre.

O peor é que da negligencia ou da impericia seleccionadora dos baptistas podem nascer confusões e prejuizos para os proprios interessados, cujo desejo era precisamente o de evitar essas mesmas confusões e de conseguir apenas lucros.

Um exemplo:

Um réu ao ser julgado, afirma energicamente a sua innocencia fazendo a sensacional revelação de que fora a propria parte acusadora, quem o aconselhou e o induzira á pratica do roubo.

O arguido era acusado de ter subtraído um chapéu de boa marca, um chapéu caro, de um dos mais movimentados estabelecimentos da baixa, em pleno dia e mesmo á vista de todos.

Interrogado pelo juiz declarou ter efectivamente roubado do estabelecimento um chapéu, uns «Palmares» que pelo nome não perca, mas que o fizera com autorisação verbal e a instancias do queixoso, o proprietario da loja.

E explicára: Entrei para ver chapéus e foi o proprio dono da casa quem me atendeu, mostrando-me cha-



A PRATA FÔSCA DOS «CABARETS»

AS NOITES DE LISBOA

POR FRANCISCO DA SILVA PASSOS

Quando entrei, Lutecio, o meu antigo companheiro de viagens, esperava-me ansiosamente, ameaçando luxuosamente a uma tábua ridente de nappas floridas, sobre a qual uma grande terrina de azul indiano concentrava toda uma escala cromatica de frutos ou salada saborosa. Sobre as multicolorés polpas perfumadas, fermentando de leve, o molho do champagne, excitado pelo «assucar-candi» e pelo Kúmel de Riga, tinha um rizo ingénuo de espumas irisadas.

Lutecio, ao vê-me, ergueu-se em sobresalto e disse-me:



—Ainda bem que chegaste por fim e ainda mal que te fizeste assim tão tarde.

Eu conheço Lutecio e o seu feitio de bem falante incipiente. Não opuz rebarbativas exclamações á invectiva classica. Assentei-me a seu lado e, no meu costumado «á-vontade», gritei para o criado que já se aproximava:

—Dois ovos, assucar e uma cerveja preta.

—Presto! respondeu o servo, num grande ar europeu.

—Fracalhoté, eihn! Comentou Lutecio. A musica, de quatro artistas de aspecto de carpinteiros mal barbeados, «smokings» de albigébe, colarinhos sujos sobre que as gravatas tinham um ar desolado de rosas brancas de papel, já velhas, atacou com furia e pouca harmonia um «fox-trote» da moda: «Olhos cinzentos». No pequeno espaço reservado á dança, os pares entrelaçaram-se com luxurias arrastadas de impotencia. Lutecio disse então:

—A vida, como vês, não é de todo antipatica. O meu procurador—o Fabio Freitas—rouba tudo o que pode, mas, amavel, fornece-me sem discussão algumas centenas de escudos, por duas ou três vezes na semana. A vida assim é quasi razoavel. E, depois de passar o dia todo a sonhar gloriosas fantasias, em cama fôca, como aquela em que repouso, levanto-me bem disposto e venho gosar, alegre e fresco, as flores desta especie de civilisação traduzida do «argot» parisiense para um calão assaz simpatico.

«E a verdade é que o luxo doira Lisboa em prismas deslumbrantes. Já se vive muito bem nesta cidadezinha, de que desapareceram as olaias romanticas, mas onde florescem, alacres, as pernas desnudas das mulheres numa evidencia muito para considerar.

Eu ouvia-o distraído, emquanto olhava, attento, o rodar voluptuoso duma pequena loira estilizada, especie de crisantemo de pétalas esguias, ligeiro pintasilgo saltitante, de saíote esvoaçando em volutas de negro baço sobre que adejavam as inconstancias duma longa franja amarela.

Lutecio reparou no meu capricho.

—E a Léonce—disse-me em segredo. Tem uns lindos braços de jaspe; mas, no pulso esquerdo tem duas estrélas azues duma tatuagem branda. Segundo ouvi dizer, é a marca posta nas reclusas duma colonia penal da Belgica, para serem identificadas facilmente quando acabam as penas a que foram condenadas.



peus de varias formas e feitios, qual deles o mais caro.

E quando eu estava hesitante entre as varias marcas e principalmente entre os elevadissimos preços, ele saiu-se-me com esta, pondo-me nas mãos o chapéu que eu de lá trouxe:

—São caros é certo, mas todos de muita duração. Tanto o Tress, como o Borsalino, como qualquer destes nacionais. Mas o melhor é Palmares...»

—Então é uma antiga criminosa! exclamei num tregeito de desgosto.

—Ora! Coisas pequênas... Roubos de cartellas de apaixonados argentarios, ou homicidios passionais sem importancia.

Era agora a vez dum «tango» lamentoso. Ergui-me e, aceite o meu silencio so convite de cabeça, passei o meu braço, em brando gesto, sobre a gorja linda e rosada de Léonce e estirei-me nos passos do dolente bailado argentino.

Sonho etéreo, vinho capitoso do Reno com gótas de quintessencias extravagantes, meia hora vivi fóra da vida. Eu nem sabia bem adonde estava... Parecia-me um outro, diferente de mim proprio...

Léonce, emfim, parou, arfante e atrozmente perturbadóra.

—Dê-me champagne! disse ela, como quem pede pão.

—Lutecio amigo! convidei com largueza. Manda vir champagne para esta senhora.

Lutecio acedeu triumphal. A rólha enorme saltou com estrondo. Os das mêsas visinhas olharam-nos com respeito.

E nós bebemos todos com delicia. Fixára-se a minha attenção num bracelete largo, «escrava» oriental, que Léonce puchava a miude para o cotovello rozado.

Dir-se-ia uma joia egipcia, com relevos figurando mummies imperiaes e aguias tricornes do simbolicos segrédos. O tom fôscos da prata de extranho bracelete destacava os desenhos com fulgor.

E eu via o bracelete mais que tudo. Nem os olhos verde-claros de Léonce, sob as longas pestanas muito negras, nem os seus cabelos dum loiro desmaiado de estrigas resequidas, venciam na minha amodorrada attenção o encanto inexplicavel do bracelete.

Outras botelhas de espumante se abriram e, céleres, se esvasiaram.

E, quando, apagadas as luzes, o dia irrompeu indiscreto e abrupto, Léonce, num sobresalto levantou-se—«Pardons! Eu tenho de partir immediatamente.

—Mas, então, você não vai só. Nós acompanhamo-la—impossivel!—Concluiu preteremptoria. E, com intencional acento:

—«Eu tenho de sair sósinha».

O champagne por vezes faz-nos brutos. Lançei com força a mão ao braço branquissimo de Léonce. Ela libertou-se num sacão brusco e partiu, deixando-me na mão o bracelete.

—Que extravagante! Comentou Lutecio. E, paga a alentada nota, retirá-mos levantando, friorentos, as gólas dos casacos. Lutecio foi para o Avenida Palace, onde habita com salutar opulencia. E en recolhi ao meu obscuro quinto andar.

E quando, ao recolher, sentindo qualquer coisa a mais no meu bolso, tirei o bracelete e o mirei com minucia curiosa, reconheci que era feito de estanho tiznado o precioso adereço.

Francisco da SILVA-PASSOS

Ora eu não quiz ouvir mais nada. Enquanto ele foi atender outro freguês, segui-lhe o conselho, palmei-o. E parece-me que o sr. juiz no meu caso, tendo como eu, pouco dinheiro, a necessidade absoluta de um chapéu e não gostando de se fazer rogado ou de contrariar ninguém teria feito precisamente a mesma coisa...

AUGUSTO CUNHA

DOIS GRANDES ARTISTAS

O GOVERNO DA REPUBLICA HOUVE POR BEM GALARDOAR OS ARTISTAS ANDRADES COM O PREITO DA PATRIA EM AS INSIGNIAS DE S. TIAGO QUE DECORAM OS SEUS PEITOS DE PORTUGUESES.



EM CIMA, à esquerda: — Os ilustres architectos Andrades. — À direita: — Os homenageados com os Senhores Presidente da Republica, Presidente do Ministerio e Ministro da Instrução, Comissario da Exposição de Sevilha, e outras pessoas, após a entrega das insignias de S. Tiago. — EM BAIXO: — Um aspecto da solene sessão de homenagem.

(Fotos Ferreira da Cunha)

A significativa festa de homenagem aos ilustres architectos Andrades foi bem um belo acto de camaradagem profissional e traduziu, desde o Chefe do Estado ao mais humilde colaborador da obra do Pavilhão Portuguez em Sevilha, a justa e elevada consideração por dois artistas por-

tugueses que tão bem souberam levantar, em terras de Espanha, o nome da nossa Patria.

Reproduzindo alguns aspectos da simpatica festa «O Noticias Ilustrado» á mesma se associa em preito aos dois ilustres artistas.

OS HOMENS QUE FIZERAM a GUERRA

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra esteve em festa esta semana. Lisboa foi teatro desse bello espectáculo de solidariedade e de beleza moral que foi o congresso do F. I. D. A. C.

As nossas gravuras dão alguns aspectos de grande recepção feita ao Presidente Reisdorff em Lisboa.

A Liga dos Combatentes



A sessão na Sociedade de Geografia

rias da situação para os gloriosos e antigos combatentes da causa do Direito e da Justiça.

Vae começar a «Semana dos Combatentes». O entusiasmo é enorme, chegando constantemente à sede da L. C. G. importantes adesões, como seja, a do exímio «Jazz-Luzo» S. Domingos, na sua maioria composto de combatentes da Grande Guerra, com a valiosa colaboração do distinto baritono Alvaro Faria.

Pelo combatente sr. Jaime dos Santos Palvinhas foram entregues à comissão organizadora 285 prendas para a quermesse e tombolas e 557850 em dinheiro, dâvidas estas adquiridas entre comerciantes e pessoas suas amigas.

A inscrição para o grande rancho de confraternização aliada, que se realisa no dia 27, continua aberta até este dia, na sede da L. C. G. G., calça da dos Caetanos, 18, e na Arcada de Londres, rua dos Fanqueiros, 302. Na Liga recebem-se estas inscrições todos os dias, até domingo, à meia noite.

A agência de Leiria acaba de enviar, por intermédio do major sr. Jaime Tomás da Fonseca, um importante donativo, tendo também a agência de Coimbra remetido diversas quantias com o mesmo fim.

A Semana dos Combatentes promete ser brilhante e cheia de interesse.



—Após a chegada de Mr. Reisdorff, o Presidente da P. I. D. A. C. desce a rampa da estação ao lado do Presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.—Na estação do Rocio, Mr. Reisdorff recebe as saudações dos Combatentes Portugueses



da Grande Guerra conta mais de quarenta mil associados, sendo portanto a sociedade que mais numero de pessoas tem inscritos nos seus livros. O congresso respectivo decorreu na maior ordem e elevação, tendo-se tomado resoluções que importam ligeiras melho-

TEATRO

A **ADELINA** vai reaparecer, após a temporada do Politeama, no Teatro do Ginásio. Nesta época, em que o cinema, o box, e o foot-ball ocupam principalmente as atenções da multidão, pouca gente liga a esta noticia a importancia que ela, em qualquer meio onde a cultura fosse regular, merecia.

Adelina é hoje a maior actriz portuguesa. Decerto o seu talento maleavel, fulgurante, eminentemente latino, pode ter demonstrações irregulares, segundo a grandeza dos papeis que lhe distribuem, segundo a pobreza mental e artistica dos ensaiadores, segundo as exigencias mercantis da bilheteira. Agora mesmo, esta jovial figura de comediante vem de realisar uma época em que o seu talento nada nos deu de grande. A culpa porém não foi dela—mas da exploração que a contratou, a qual atendeu estritamente

às predileções desses restos de publico que ainda frequenta teatros, publico que é o sobejo do grande publico, porque esse—ha que confessa-lo—está desinteressado do espectáculo dramatico.

E, no entanto, esta grande actriz, se lhe fosse dado interpretar um papel compativel com a sua idade, bem portuguez como o seu feitio, onde o seu pitoresco, a sua alegria, o seu genio popular se aproveitasse—faria decerto uma peça de exito artistico e comercial.

Recordem-se os seus tipos magnificos de revista e de farça, as suas personagens de comedia ligeira, essa velhinha formidavel da «Garota», essa professora do «Grande Amor» e essa adoravel caracteristica de «La Belle Aventure».

Não sabemos o que será a exploração do Teatro do Ginásio. Oxalá a grande Adelina seja aproveitada em toda a extensão do seu grande talento—hoje unico no seu tipo e na sua escola—dentro da scena portuguesa.



FESTA NO COURS SUPERIEURE POUR JEUNES FILLES—no grupo de alunas que representaram na esplendida festa deste collegio, entre as quaes, em pé, ao meio, Melle. Barahona (Esperança) gentilissima filha do Sr. Conde Esperança.



UM GRANDE EXITO DE TEATRO:—Uma das scenas culminantes da peça o «Az do Foot Ball», onde o director daquele teatro, Estevam Amarante, mais uma vez provou os seus notaveis meritos de organisador e de artista dramatico.

UM ESPECTACULO DE ARTE INFANTIL NO SÃO LUIZ

ENCANTADORA a festa das creanças que no São Luiz deliciou todos quantos a ela assistiram. Cheia de interesse, em todas as exhibições, plena de graça, mostrou, encantadoramente, que as gentis creanças se houveram como verdadeiros artistas—como «pessoas grandes».

Apresentamos hoje alguns dos galantes inter-



Vendo-se a sala está cheia...



Um ritmo só-graça



O grupo das filhas spucarinhas.



Nos bastidores infantis...

Lula Filipe de Quental (Idanha) que declamou o prólogo.

pretes da simpática festa de caridade e ficamos seguros que esse espectáculo se ha de repetir, para regallo dos nossos olhos e para alegria da pequenada.



Atenção! Vae subir o pano!...



A saída da Camara Municipal.



Após a inauguração.



A presidência da sessão do Congresso.



Um outro curioso aspecto.



A chegada do Realor prelatístico da República.

O IV CONGRESSO DAS BEIRAS

Beira em festa! O coração de Portugal em festa! A grande região das Beiras, durante esta semana, demonstrou o seu esforço. Na história dum dos mais lindos rios, e pitorescos talhões da terra portuguesa, ficará marcada, num padroão omorredoiro, a data deste ano. Muitos homens, cheios de boa vontade e de amor à terra que

lhes foi berço—amor sagrado e que os enobrece,—reuniram-se com unico fim: elevar e fazer progredir, animar e a enaltecer tudo que tenda a melhorar e a enriquecer a Beira. Bem hajam! Bem hajam!—sentirá e dirá o povo que os rodeia.

(Fotos Serra Ribeiro)

O IV CONGRESSO E EX-
POSIÇÃO DAS BEIRAS E
A PLENA AFIRMAÇÃO DO
ALTO VALOR DOS BEL-
GÊNCIA E AMOR QUE
PROFESSÃO AO TORRÃO
NATAL.



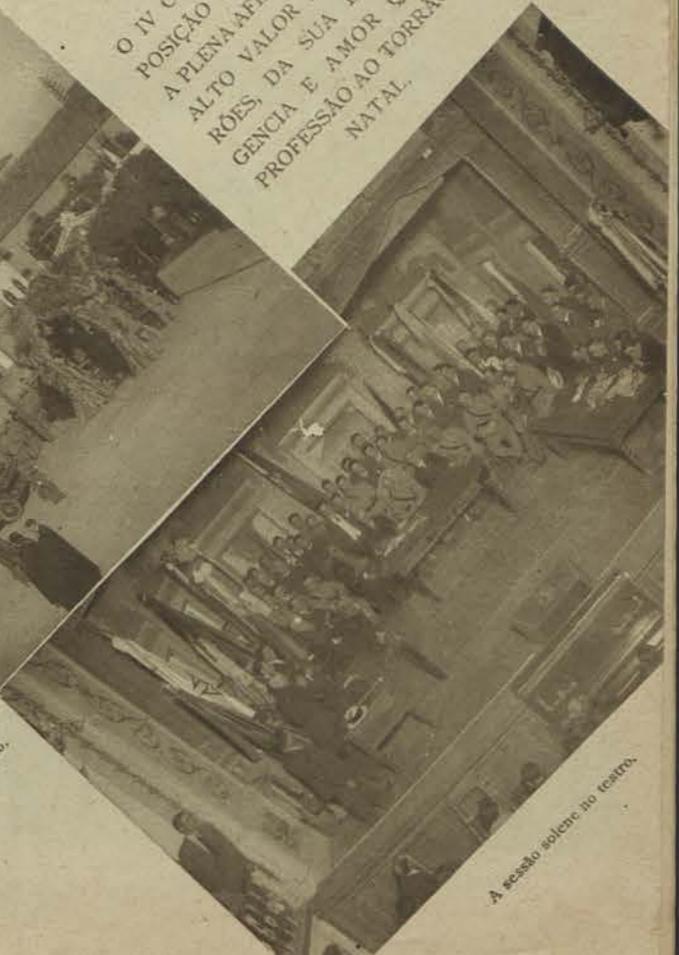
Uma rua de Castelo Branco.



A presidência do almoço ao Chefe de Estado.



Um aspecto da exposição.



A sessão solene no teatro.

FESTAS ESCOLARES

EDUQUEM-SE AS CRIANÇAS NO ESPÍRITO E NO CORPO! ASSIM O FIZEREM OS GREGOS E A SUA SOMBRA AINDA DOMINA O MUNDO.



No Liceu Gil Vicente

EM CIMA:

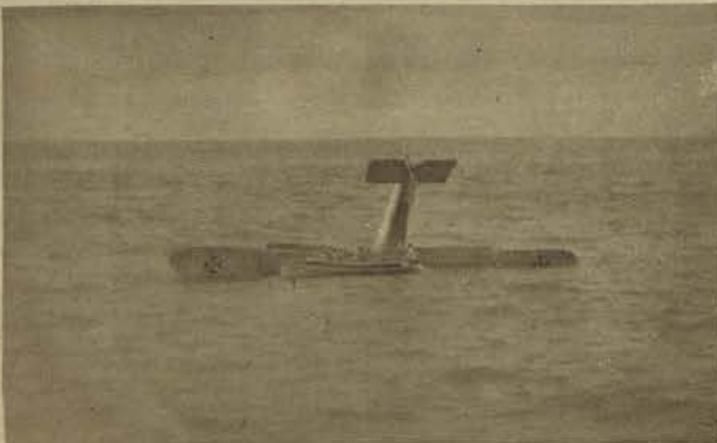
A saudação por um interessante grupo de raparigas, alegres e sadias.—Um lindo aspecto da parada de ginastica.

No Liceu Pedro Nunes

Exposição de trabalhos escolares.

DUAS FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

FEZ, no dia 17 do corrente, sete anos que Gago Coutinho e Sacadura Cabral concluíram, pelo ar, a mesma travessia que em 1500 foi



feita por Pedro Alvares Cabral. As fotografias históricas que publicamos representam: — o «Lusitania» capotando junto dos rochedos—O «Santa Cruz» em Porto Cabral minutos antes da partida para Porto Victoria.

(«Fotos» V. Rodrigues)

UM FILME DOCUMENTARIO DE LISBOA



COMEÇOU a fazer-se em Lisboa um grande documentario cinegrafico, levado a efeito pela Companhia Cinematografica de Portugal, e destinado a fixar Lisboa sob todos os seus aspectos. Para matar a curiosidade dos nossos leitores ao acaso damos algumas fotos que não dão, infelizmente, ideia alguma do movimento e da riqueza de expressões que alguns artistas tive-



Irene Isidro, como «sopeirinha» distrae o policia sinalreiro. Vejam o encanto da sua figurinha fragil... — Como se fés parte do filme — O eminente actor Nascimento Fernandes interpretando um policia sinalreiro, multa a sua notavel e gentil colega Ester Leão—Uma scena de «pic-nic» no Parque Eduardo VII—Azas limpidas de um sonho da primeira comunhão...



ram ao serem fixadas as suas mascaras para esse filme, do qual mais de espaço nos ocuparemos. Pedem-nos os organizadores para registarmos o seu agradecimento ao antiquissimo Guarda Roupa Cruz e ao seu proprietario sr. Oliveira que, como sempre, e atendendo ao alto fim turistico do filme, foi gentilissimo.



SPORT

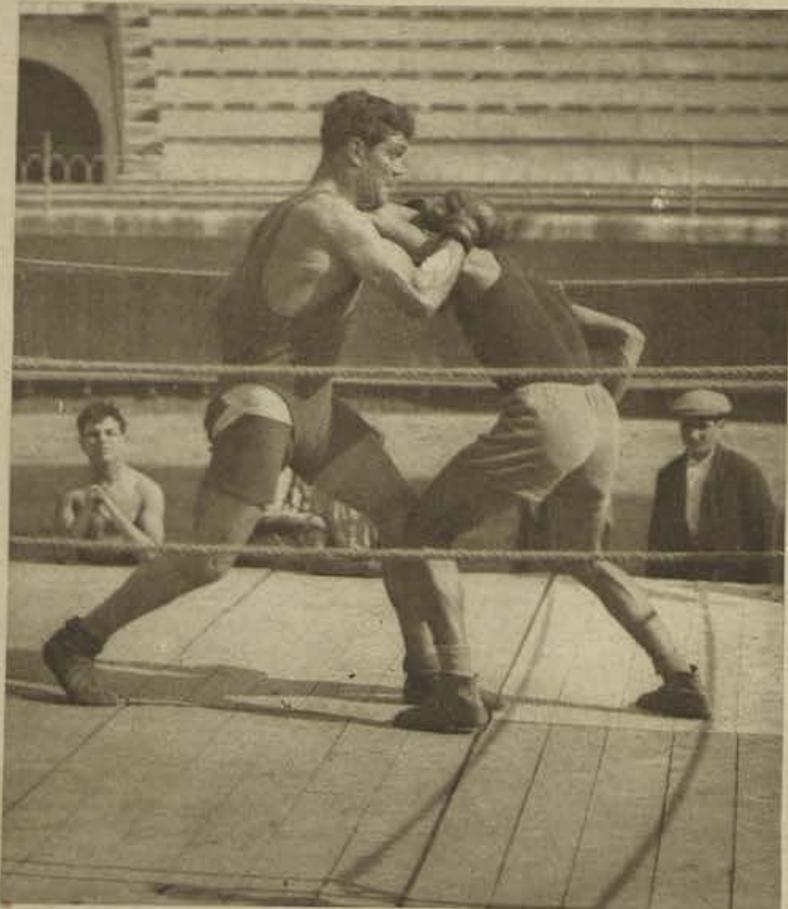
O acontecimento sensacional do momento, talvez de todo o movimento desportivo deste ano, é sem contestação, o encontro de «box» de domingo próximo, entre José Santa e Pierre Charles, campeão da Europa.

É a primeira vez que um português disputa, em «final», um campeonato da Europa, seja em que desporto for. Coube a José Santa essa honra. Caber-lhe-á a glória de trazer para Portugal um título máximo da emocionante arte do box?

Sejamos optimistas e confitemos na alma portuguesa, no brio de Santa, nas



Pierre Charles actual campeão da Europa de todas as categorias



Belenenses» é o campeão nacional de foot ball de 1928-29; Grupo energico e composto de gente decidida, mereceu bem a honrosa conclusão do campeonato. Fez durante a época uma série de exhibições excellentes, demonstrativas da preparação e do treino que são condições indispensáveis do triunfo em qualquer desporto.

A Semana de Armas Portuguesas, iniciativa do Centro Nacional de Esgima e que se realizou em Lisboa, principal manifestação esgrimistica, começou com a prova de florete entre atridores de 3.ª categoria, a que seguiu nestes ultimos três dias a prova de 2.ª categoria.

Amanhã é o dia da prova mais importante de florete, a de 1.ª categoria. É disputada na Escola de Esgima do Exército.

Seguem-se as provas de espada e sabre, mas as mais importantes provas, que são os campeonatos nacionais de espada e sabre, estão marcadas respectivamente para 9 e 10 de Julho e 13 e 14 do mesmo mês.

José Santa prepara-se para o Campeonato da Europa.

suas vantagens físicas, na sua admirável resistência aos golpes e na sua dura forma de atacar.

Serão 15 «rounds» de tremenda batalha e dizemos desta maneira porque pensamos que o combate irá até ao limite. São fornidáveis os dois competidores e deverão suportar os 15 «rounds» embora sob terrível pressão mútua.

Amanhã e depois são os dias destinados para o levantamento dos bilhetes vendidos. Na quinta feira abre-se a venda ao público.

O Club de Foot Ball «Os

Heriberto Garcia e João Branco luctam, que hoje, domingo, toureiam no Campo Pequeno na corrida dos Combatentes da Grande Guerra



A PARTE DE CORPO MODERNA DA MULHER

Pompadour

COMPLETA hoje o seu quinto aniversário.

Casa que rapidamente se impoz à consideração do publico pela superior



A Administração moderna e desempoeirada exercida pelos seus socios gerentes, que do «metier» teem vastos conhecimentos, snrs. Joaquim Pinto de Lima e D. Virginia Costa, tem feito progredir esta grande organização industrial.

Ali tudo é feito com modernismo e distincão tantos os artigos que apresenta como o modo de tratar os clientes, que saem encantados.

E' verdadeiramente a casa que na elegância feminina dita leis.

Dir-se-ha ainda inspirada do Além... Madame de Pompadour, a rainha da ele-

(Continuação na pag. 22)

qualidade e elegancia «rafinée» dos seus modelos de Cintos, Espartilhos e «Soutiens-gorges», pelo seu sistema de vendas moderno e pratico, pelos seus gabinetes de prova onde as Ex.^{mas} damas podem vestir e experimentar os modelos que mais se adaptem ao seu busto, e com justiça considerada a primeira casa do paiz. Chic e moderno estabelecimento que ao Chiado dá uma nota de elegancia parisiense e onde as nossas lindas lisboetas dão «rendez-vous».

Os seus artigos não são feitos em serie, desarmoniosos e deselegantes, como os que são feitos em «fabrica», mas lindos e cuidados como tudo o que produzem os seus metuculosos e exemplares «ateliers».



ECOS, NOTICIAS E CURIOSIDADES Festas escolares

Precaução necessária



DE vez em quando, em algumas ruas, aparecem umas barricadas de pezo, que é aquecido em painéis de ferro, sobre chama forte. Acontece que, no decurso dos trabalhos de um dia, os operários — da Câmara ou da Companhia do Gaz? — não tem tempo de utilizar todo o pezo aquecido. No intervalo do jantar ou quando abandonam o trabalho, fica no passeio a panela de ferro com o seu perigoso conteúdo. Passa um cego ou um pobre diabo que vê mal; esbarra com a panela, o pezo entorna-se-lhe sobre as mãos, sobre o ventre. O pobre diabo vai para o hospital, curtir dores horrorosas. Este caso aconteceu, em qualquer rua perto da Avenida. Não seria possível dar providências...?

Um protesto justo



HA dias, tivemos ocasião de assistir, numa casa de brinquedos, a uma scena algo tumultuosa. Uma senhora entra, para comprar uma bonequinha. Dizem-lhe um preço; permite-se dizer que acha caro; o dono da loja declara que vende tudo mais barato do que qualquer colega... Então a senhora, serenamente, protesta: «Não é tanto assim! Trago aqui, na minha mala, um boneco de celuloide que me custou três mil e oitocentos, agora mesmo, numa outra loja; ora o senhor tem ali uns bonecos, exactamente iguais, a cinco mil e quinhentos... «O homenzinho enfurece-se; arremete para o boneco que a senhora lhe mostra e procura provar que é muito diferente dos seus, fazendo ceder o celuloide sob a pressão dos dedos. A senhora, cada vez mais serena, prova-lhe que os bonecos são exactamente iguais, da mesma fabrica, com a mesma marca e o mesmíssimo tamanho. O «cavalheiro», nessa altura, quasi dá roda de parva à senhora, por se meter a falar do que não percebe... E como a senhora é «senhoras», o nosso homem ficou aparentemente vitorioso, se bem que, no seu intimo, convencido de que nem toda a gente é parva... Isto veio à baila só para fixar um aspecto citadino muito mais frequente do que se imagina e de difícil emenda: o da grosseria incurável...

Homens primitivos



A três horas de caminho de ferro de Nova York, há uma colónia de montanhesees situada nas elevações do Taghanic. Esses montanhesees vivem, pouco mais ou menos, como os homens primitivos. Nessa colónia há apenas sessenta homens, com quem a civilização ainda não «fez farinha». Os habitantes da colónia formam todos uma única familia e só tem dois nomes próprios: Proser e Hotaling. Os colonos casam uns com os outros, pela força das circunstâncias. As uniões são entre primos em primeiro e segundo graus, entre tios e tias, mas, apesar disso, não se notam sinais de degenerescência entre esse pequeno agrupamento humano. Os habitantes da região montanhosa do Taghanic são muito supersticiosos e temem a gente estranha.

Difícil de compreender



E possível que tivesse passado despercebido aos leitores dos grandes jornais. Mas nós lemos, Lemos e meditámos no caso... Mas não compreendemos. Em Santarem, um grupo de senhoras da melhor sociedade, resolve organizar uns espectáculos de beneficência, em favor dum hospital reduzido à mingua. Por todos os lados surgem promessas de auxilio, oferecimentos caridosos e espontâneos. Levanta-se apenas uma dificuldade, uma grande dificuldade relativa ao local onde deve realizar-se uma verberna. Quem a levanta? A comissão administrativa do municipio de Santarem, os representantes do povo que será beneficiado com o lucro das festas... Sem comentários.

Um casamento de estado



REALISOU-SE em Paris, às dez horas da noite, no palácio do sr. Patino, ministro da Bolívia em França. Veiu uma orquestra especial de Roma, para tocar a «Marcha do Triunfo» de Handel, enquanto os noivos avançavam, pela nave de quatro enormes salões floridos com cem mil rosas brancas, a caminho do altar onde um nuncio apostólico lhes lançou a bênção papal.

A noiva era Elena Patino, a filha do gordo sr. Patino que enriqueceu por acaso (um amigo, para lhe pagar uma dívida, entregou-lhe alguns hectares de terreno pouco valorizado onde vieram a descobrir-se umas famosas minas de estanho). O noivo, o Marquês del Merito, gentil homem da câmara de S. M. o Rei de Espanha, apresentou-se, durante a cerimónia nupcial, trajando túnica branca com a cruz vermelha dos cavaleiros de Santiago, com grande capa de pano branco e capacete de prata. As «demoiselles d'honneur» da noiva vestiam de amarelo, cor de espiga madura; as testemunhas do noivo, eram cavaleiros das ordens de Calatrava, de Santiago e de Malta, com seus espectaculosos uniformes. Na «corbeilles», havia uma «rivière» de brilhantes que valia perto de nove mil contos, um colar de pérolas de preço quasi incalculável e... um cheque de quatro mil e tantos contos. Esse cheque estava exposto numa vitrine especial, perto da qual se via um personagem que uns tomavam por convidado, outros por um criado, mas que era, muito simplesmente, um... policia secreta.



Esta a grande época das festas escolares, que tem sempre um encanto especial. O ensino particular, rivalizando com o official, capricha em apresentar os seus alunos a um público seleccionado e culto. Na passada terça-feira, realizou-se a festa annual do «Cours Supérieur pour les Jeunes Filles». Dirigida por uma cultíssima senhora franceza que tem por colaboradora uma illustre professora portuguesa e um nucleo de professoras escolhidas entre as melhores, o «Cours Supérieur pour les Jeunes Filles» tem por ideal o dar às meninas da melhor sociedade portuguesa uma educação a caracter com o meio em que hão-de viver. Não se julgue, por isto, que fornece uma «educação de sala», uma cultura sem valor pratico. Pelo contrario: a instrução ministrada nesse curso pode, dum momento para o outro, servir como excelente arma de defeza na luta pela vida. Sem os inconvenientes dos pensionistas laicos ou religiosos, este curso, que é um externato, não desvia os seus educandos do ambiente familiar que, em quasi todos os casos é ainda o melhor.

Sociedade dos Optimistas



REALISOU-SE agora, em Paris, um sumptuoso banquete, a que assistiram centenas de convivas, comemorativo da homenagem prestada pelo Sr. Briand, presidente do Conselho, ao Sr. Marinão de Unzue, condecorado com o collar de comendador da Legião de Honra. O Sr. de Unzue é o presidente da Sociedade dos Optimistas, o que não admira, atendendo a que é millionário argentino... Esse «club» parisiense levava vida próspera, antes da guerra. Durante a grande conflagração, teve o bom senso, de desaparecer. Mas, passada a tormenta, renasceu das próprias cinzas, mais florescente e feliz do que nunca e com uma simpática «nuance» de associação pacifista. Tudo isto é interessante, mas o que mais nos impressionou, nas noticias que os jornais parisienses dedicam ao banquete oferecido ao optimista chefe, foi certo insistente comentário que nos toca pela porta: o eterno estribilho de que «les Portugais sont toujours gais». Há mesmo um jornal que, vendo na existência dum Club de Optimistas uma segurança contra futuros revezes da França, apresenta o argumento decisivo de que também «les Portugais manifestent leur gaité légendaire au plus profond du naufrage»... Como, porém os portugueses nunca naufragaram de todo, nem mesmo no tempo de Napoleão! — é possível que o jornalista seja dos tais que não são fortes em Geografia...

Musicas e Pianos

Gramofones - Discos - Instrumentos diversos

SOARES & VIANA, LTD.

48 - RUA DO LORETO - 50 - LISBOA

TELEFONE 7. 699

miscelanea feminina

Vingança de mulher para mulher.—Super-natalidade ou natalidade escolhida?—A distancia que vai de Lisboa a New-York.

A que extremos pode levar o ciúme e o despeito, já não diremos a um homem, mas simplesmente a uma mulher? Houve uma época em que o vitriolo fazia das suas, a cada passo, mas o sistema corrosivo da vingança parece, felizmente, ter sido posto de parte. Igualmente o revolver e o punhal descansam em gavetas e panoplias e não veem armar mãos femininas sedentas de vingança por trações de amor. Hoje a moda, pelo menos na America do Norte, é a tesoura, o instrumento feminino por excelência, a tesoura que não vai ferir a carne palpitante, nem faz jorrar o sangue, mas que apenas se destina a lacerar vestidos e «toilettes», aquilo que, ao que parece, a mulher mais aprecia.

A queixa foi deposta, num dos tribunales de Nova York, por uma francesa, Mlle. Sherrier, estabelecida na grande metropole do Atlantico occidental, contra miss Betty Baker a quem accusou de lhe ter espatifado os vestidos e cortado, de todas as formas e feitios, um rico casaco de peles, num accesso furioso de loucura ciumentista. E, ao formular a sua queixa, a bela francesa apresentou simultaneamente ao juiz o corpo de delicto, isto é, os seus ricos vestidos transformados num montão de vergonhosos farrapos. A miss foi, por sua vez ouvida, e declarou, pouco mais ou menos, o seguinte:

O seu namorado, o feliz Frank Roberts, ao seu affecto dedicado, puro e desinteressado, preferira os predicados da seductora parisiense. Surpreendera-os, jantando num restaurant em voga, num delicioso «tête-à-tête» e, nessa occasião tragica, perdendo a cabeça, fizera uma dessas scenas que só as mulheres sabem fazer, sejam elas condessas ou colarejas, quando teem o genio assomado e se vêem suplantadas por uma rival. Desafogara a sua colera mas não se sentira vingada. Ardilosamente, conseguira introduzir-se no «apartamento» de Mlle. Sherrier e, ali dentro, armada de uma tesoura, com a qual previamente se munira, cortou a torto e a direito todos os vestidos e roupas da rival, porque, disse-o ella, uma francesa sem vestidos era o mesmo que... uma galinha sem penas.

Não somos inteiramente da mesma opinião



mas, para o caso, a nossa opinião nada interessa. A pobre Betty não conseguiu o seu objectivo. Condenada a pagar o prejuizo que causou, forneceu a sua rival a forma de renovar o guarda roupa, isto é, forneceu-lhe novas armas de sedução, se a sedução da mulher, como a pobre pequena presume, reside apenas nas suas «toilettes».

O assunto já por nós aqui foi tratado: a limitação da natalidade. Narrámos o que se está passando no Japão, referimo-nos ao aspecto que o problema assumiu na Inglaterra e Alemanha e occupar-nos-hemos, hoje, da Bulgaria, onde a questão tambem está sendo discutida com calor, intervindo nela as mais eminentes personalidades, que formulam os mais opostos pareceres. Procura estabelecer-se se uma grande natalidade exerce influencia no robustecimento de uma nação, preparando-lhe um melhor futuro ou se, pelo contrario, contribue para a sua decadencia e lhe cria difficuldades pouco menos que insuperaveis. Ora, no debate interveio ultimamente uma mulher que parece ter dito sobre o assunto a ultima palavra. O nú-

mero, disse ella, não é o factor decisivo da especie: a qualidade é tudo, a quantidade é nada.

A sua tese é apresentada com desusado brilho. Citou o exemplo da velha Grecia e da antiga Roma, que desempenharam importantissi-



mos papeis na historia, graças á intelligencia e ás superiores qualidades intellectuaes da «élite» dos seus povos. Ora gregos e romanos procuraram não uma «super-natalidade mas uma natalidade escolhida. Hoje mesmo as nações com muitos milhões de habitantes não são as mais prosperas nem as mais felizes. Pelo contrario, os exemplos da China e da Russia são flagran-

tes. A opinião de uma mulher em materia de natalidade pode parecer interessada e, portanto, despidida de autoridade, mas, no caso presente, rendemo-nos á evidencia dos factos. Um pai sifitico em ultimo grau e uma mãe com os pulmões desfeitos pela tuberculose podem conceber e gerar uma creança forte e sábia? A hereditariedade de doenças funestas e terrivelmente propagadas por um acto fisiologico não deve ser combatida? Limpar os campos das ervas daninhas, é um crime contra a Natureza que as faz brotar do seio da terra? Matar o mal na sua origem pecaminosa, não será preferivel a deixar propagar esse mesmo mal em todas as horribes consequencias?

Medita-se um pouco, friamente, sobre a resposta a dar com consciencia a esta serie de perguntas, abandonando hipocritas preconceitos de ordem social ou religiosa, e reconhecer-se-há facilmente que a razão está com quem pôs o problema com toda a verdade, muito embora ella seja fria e cruel como o gume de affiado cutelo.

O tema do divorcio é inextinguível, oferecendo milhares de facetas luminosas, como um poliédro de cristal exposto a uma duzia de lampadas electricas. Tragico uma vez, comico outras, ainda vezes ha em que a farça se confunde com o drama, por forma que não ha maneira de os separar. Aqui, é o marido que tem razão, ali, é a esposa a quem assiste todo o direito de formular as suas queixas e de exprimir a sua indi-

PACKARD

CARROS DE 8 CILINDROS

O mais elegante dos
CARROS

Pedir informações e visitar o nosso
SALÃO DE EXPOSIÇÃO

4, P. Duque da Terceira (Cais de Sodré)
AGENTES GERAIS

Orey Antunes & C.ª L.ª da

LISBOA-PORTO

geação e, ainda acolá, são ambos que teem motivo para mutuamente se não poderem tragar.

No caso presente é o marido quem já primeiramente parece estar em mau campo. A sr.ª Morris, esposa de um cirurgião dentista de Nova York, depois de um ano de casada, requereu ao tribunal o divorcio, fundamentando-o num diario no qual, devidamente testemunhados, anotou todos os motivos de queixa contra o sr. seu esposo. A seguir damos algumas das passagens mais interessantes desse diario:

—Cortou-me hoje a ligação telefonica por sete vezes, que tantas foram as que me quiz servir do aparelho.

—Hoje fechou a corrente electrica de forma, que, para me deitar e escrever estas linhas sou forçada a servir-me de velas de estearina.

—Estou sem agua desde manhã na casa de banho, porque a mandou cortar. Se me quiz lavar tive de ir a casa da vizinha do lado.

—Para me arrelirar deu ordem á criada para me não fazer a cama, alegando que eu tinha muito tempo para a fazer, e determinou-lhe tambem que me não mandasse a roupa para a lavadeira.

—A partida que hoje me fez excede tudo quanto de perverso até hoje contra mim tem executado. Com uma droga qualquer endureceu o meu «báton de rouges» de forma que me não pude servir dele.

O juiz, em face destas provadas accusações, promulgou o divorcio requerido, forçando o dentista a pagar á ex-consorte a pensão mensal de 60 dolares, que é como quem diz 1500 escudos da nossa depauperada moeda.

Que felicidade a desta Mistress Morris viver numa cidade como a de Nova York! Como poderia ella apresentar nesta Lisboa amada, por exemplo, razões de tanto peso ao meritissimo juiz? As ligações telefonicas ser-lhe-iam impedidas ou cortadas, a cada passo, pelas meninas da estação; a agua, se morasse na Penha de França ou no Alto do Pina, não lhe faltaria na casa de banho, mas em toda a casa, não num só dia, mas durante os três ou quatro meses de estio; a electricidade, se começasse a dar o tragloman-

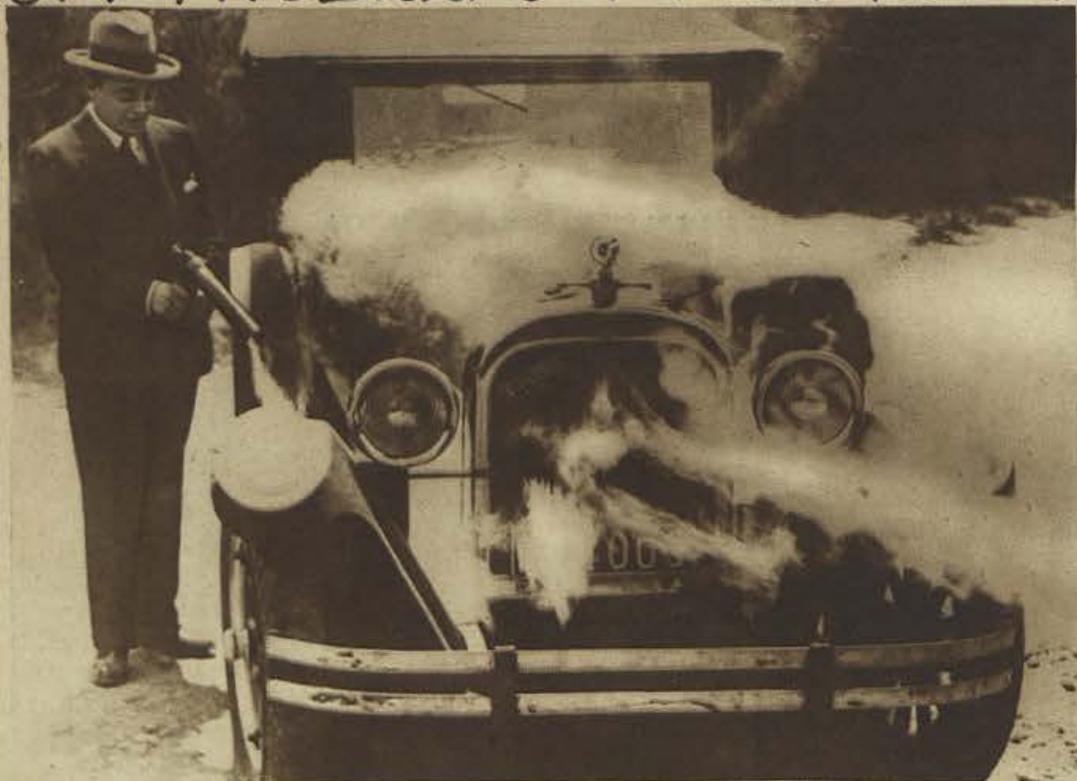


go em um ou mais motores da Central das Companhias Reunidas, não a visitaria durante noites seguidas; a criada só lhe faria a cama se isso lhe desse na gana, porque: «se a senhora não está contente comigo fará o favor de me fazer as contas... que casas não faltam;» se mandasse a roupa para a lavadeira, quando esta lh'a não extraviasse viria feita numa rede, graças ao clorêto; e, com respeito ao «báton de rouges», se fosse comprado em drogaria ou perfumaria de certas especies, se não fosse tão rijo como... um taco de bilhar, era decerto tão mole como banha derretida.

Assim, os motivos ponderosos alegados por esta dama americana e recolhidos dia a dia no seu diario são o pão nosso de cada dia das nossas alegres e sofredoras alfacinhas. Um dentista português para dar razão justificada á consorte para formular um pedido de divorcio teria de lhe arrancar ou... partir os dentes todos da boca e é isso que o colega new-yorkino não fêz, muito embora talvez, em certas occasiões, tivesse desejo de sóbra para o fazer...

SAUL TOPASBA

UM PROBLEMA DE ACTUALIDADE



A' ESQUERDA:—O «taxi» de Lisboa S 14006, com o motor completamente incendiado. Este fogo foi prontamente localizado em um instante com os fulminantes efeitos da moderna pistola.—EM BAIXO:—Um recipiente com benzol, gazolina e oleos pesados cujo incendio, em um segundo, foi o dominado com emprego da pistola.

O SERVIÇO DE INCENDIOS PORTUGUÊS CLASSIFICADO POR UM JORNALISTA CASTELHANO—UM GRANDE INVENTO DA INDUSTRIA ESPANHOLA.

DESDE os tempos bíblicos que o fogo—elemento de vitalidade ao principio; divindade, depois; e terrível mensageiro da tragedia, sempre — despertou curiosidade, adoração e implacável odio.

A sciencia moderna, não parando nunca, tem-se esforçado por combater-l'o no seu ultimo aspecto e hoje, mais que nunca, apresta-se para a lucta sem a ignorancia de que os ambientes modernos favorecem o terrível inimigo, dando-lhe novas armas as quaes—por paradoxo ironico!—são precisamente os grandes elementos da vida e do progresso modernos:—electricidade, caldeiras, petroleo, motores de explosão...

De vez em quando, porem, uma terrível victoria do horrído elemento destruidor — o fogo—comove e fustiga a humanidade, recordando-lhe, a sua tenebrosa existencia. Passa-me agora pela memoria uma das ultimas, o horroroso incendio do teatro «Novedades» de Madrid e com a evocação dessa tragedia—mais terrível ainda que o quadro imaginado por Dante em o «Inferno»—com as suas inocentes victimas levam-me, hoje, a expressar a agradável surpresa porque



A' ESQUERDA:

S. M. D. Afonso XIII verificando a inofensividade dos gases desenvolvidos no momento da extinção.—S. Ex.^a o Senhor Presidente da Republica preparando-se para experimentar a «Antifyre».





passai em Lisboa, ao verificar, pessoalmente, que a dura lição de Madrid não mais será repetida—para felicidade desta formosa capital portuguesa.

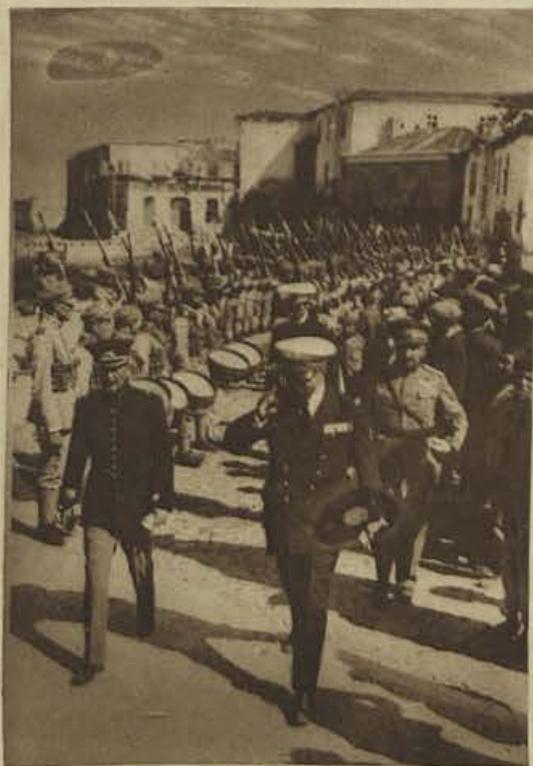
Devido ao esforço de um homem, conscio do seu dever, o Comandante em Chefe dos Bombeiros Municipaes, e em igual á decisão da Camara Municipal e proteçáo firme do governo, tenho a convicçáo

(Continuação na pag. 22)



EM CIMA:— A maravilhosa paisagem de Cascaes ensombrada pelas chamas que, por encanto, desapareceram instantes depois.— A' DIREITA:—Gazolina e madeira! Fogo!

ACTUALIDADES REGIONAES



VISITA DA ESQUADRA FRANCEZA AO PORTO DE LAGOS

O Vice Almirante Le D'O, a caminho do Comando Militar.

(«Foto» Boilinha)

Lourinhã

Um grupo de gentis senhoras e cavalheiros que, em esta terra, promoverem a venda da Flor.

(«Foto» A. Vaz)



SANTO ANTONIO DO ESTORIL

No dia de Santo foi solenemente reaberta ao culto a Igreja de Santo Antonio do Estoril que ha tempos fora destruido por um incendio. Foi celebrante o sr. arcebispo de Metz-jene.

(«Foto» Noticias)

Um problema da actualidade CHARADAS A Pompadour

(Continuação das pags. 20 e 21)

de que os teatros e salões de cinema portugueses não verão nunca os tragicos momentos passados em o «Novidades». Um grande e completo projecto—realizado já—coloca Lisboa no mesmo nível—possivelmente até superior,—de todas as modernas cidades europeas e americanas. A escuridão—essa terrível companheira do fogo—não mais imperará nos teatros portugueses: três linhas de instalação eléctrica impedirão o antigo perigo; tanques-depositos de agua, inteligentemente distribuidos e bocas de incendio, numerosas, combaterão com torrentes de agua as linguas de fogo; fios telephonicos darão o alarme aos bombeiros; os extintores rapidos entrarão na lucta como atiradores de primeira linha... Não! O fogo não vencerá mais batalhas nos teatros portugueses.

Todos os recursos estão postos para que actuem; e todos serão estudados no momento oportuno para satisfação nossa e nossa alegria. Hoje limitamo-nos a falar dum das novidades introduzidas no projecto: extintores para bombeiros, e lembramos um aparelho apropriado para este uso—a moderna pistola «Antifire»—, eficaz, instantanea e inofensiva, que tendo sido experimentada pelo Corpo de Bombeiros, foi adoptada nas viaturas de pronto socorro, e considerada como o extintor que satisfaz plenamente aos especiaes fins. Entidades officias e particulares e a Camara Municipal assim o entenderam. E foi a «Antifire», que foram concedidos pela Camara e pelo Comando dos Bombeiros, os mais laudatorios atestados nos quais se lê que a pistola «Antifire» é superior aos outros sistemas.

Quando S. Ex.ª o Senhor Presidente da Republica, disparou a pistola «Antifire» sobre um fogo cujas chamas se elevaram a quinze metros de altura, verificou que bastou um segundo para que ficasse apagado; e então manifestou a sua admiração pelo novo colaborador dos bombeiros—a «Antifire».

Vão, pois, os nossos parabens para o Governno, Camara Municipal, Corpo de Bombeiros e povo portuguez, pelo projecto em questão, e tambem para o Concessionario do «Antifire» em Portugal, Sr. Manuel de Oyarzabal, Praça Luiz de Camões, 22, que veio para Lisboa com o fim de que no lar, no teatro, no cinema, nas fabricas e nos automoveis, haja hoje um dos meios mais rapidos que existem para combater um incendio, evitando e impedindo que, ao tomar incremento, se torne em uma desgraça como as que, tantas vezes, tem feito chorar os povos, em todas as epochas e em todos os tempos.

ALFREDO DE MOLINA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISS. O. DE CENSURA

Lembre-se sempre dos



Comprimidos de **Aspirina!**



Autenticos só na embalagem original „Bayer“, com a cinta azul e branca e a cruz Bayer.

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V., LISBOA.

ANO II—N.º 63 JUNHO, 23
6.º TORNEIO 1 9 2 9

RESULTADOS DO N.º 58

Productores

QUADRO DE DISTINÇÃO

ARTINITY		
N.º 1		6 Votos

N.º 2, de «Melros» 1 Voto
N.º 15, de «Vasco Dias» 1 »

Decifradores

QUADRO DE HONRA

A. D. MEIRA—AFRICANO	
Com 15 decifrações—Totalidade	

QUADRO DE MERITO

JOTEMIRA, 14—VISCONDE DO PRADO, 11—SOBA DA TORRE, 10—LAURITA, 9—TANAGRA, 9—ADRIANO, 7.	
--	--

Outros decifradores

Colibri, 6.

Decifrações

1 NANA—2 Marrancho—5 Formigo-n-ro—4 Marabuto—5 Samo, oval, mano, olor—6 Múchuo, macho—7 Motungo, mogo—8 Madona, mana—9 Atul, luta—10 Amilma—11 Medes—12 Enfrascado—13 Gruzizada—14 Lollo—15 Asado.

BICUDAS—Nos 5, 6, 7 e 12, respectivamente de «Franco Acis», «Africano», «Capitão Boches» e «Arsenio Lupin», com 5 decifradores cada uma.

GENTILEZAS—De grão..

CHARADA EM VERSO

(Retribuindo a «Demo» do confrade «Miguetzinhos»)

O bom nome do confrade—2
(Creio isto piamente)
Ainda um dia há-de
Marcar aqui como gente.

E por não ter cultivado
Há muito o charadismo,
Acho-o mal empregado,
Condeno o seu multismo.

Agora, nesta secção,
Vai dar «notas», concerta,—1
Será mestre, campeão,
Astro de maior grandeza...

ALBANY

Oleos de uma das mais antigas e acreditadas fábricas americanas

ADAM COOK'S SONS INC.

OLEOS E SEUS DERIVADOS PARA AUTOMOVEIS—MOTORES E MAPUINAS

Agentes exclusivos para Portugal e Colónias:

A. R. GARCIA, L. DA
Engenheiros

113, Avenida Duque de Loulé. 1-5
Telegr. -- ARCIA -- Lisboa -- Telef. N. 5177

(Continuação da página 17)

gancia que aureolou de graça e sugestivo encanto o reinado magnifico de Luiz XV.

Na arte de bem vestir «A Pompadour» tem no nosso paiz a função maravilhosa dum perfeito instituto de elegancia feminina.

Os seus modelos de Espartilhos, Cintas e Soutiens-gorges duma concepção originalissima, são hoje os preferidos pelas damas que desejam vestir com elegancia, etc.

Trilhando, pois, bom caminho,
Peço seja nomeado
O confrade «Miguetzinhos»,
Nosso perpétuo adeogado

CEIA
4
Maíra

CHARADA EM QUADRO
Brinca
Cheiro
«Muthers»
Agricutor

5
Cascais

CHARADA EM LOSANGO
XIGATO (T. E.)
Consoante
Muneira
Enganar
Peregrinação
Compra
Emboadura
Vogal

6
Lisboa

CHARADA EM TRIANGULO
ANELE
Humilhada
Ofendida
Esperança
Considerada
Viagem
Presentein
Vogal

7
Lisboa

CHARADAS NOVÍSSIMAS
CARDIAL DE VIGNY

7 Vodos os dias no letto do rib, chilreia um «ps-saro canoro»—2-2
Lisboa
A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

8 O senhor arruina-se no jogo. ¿ Não tem pena de ser um vicioso?—4-1.
Lisboa
AFRICANO (A. C. P. B.)

9 Apanhou uma bebedeira porque se utirou à rinha.—2-1.
Matozinhos
ARSENIO LUPIN

10 Não encontro saída de modo nenhum, estou farto de procurar.—2-1.
Lisboa
REI DE TEBAS (A. C. P. B.)
(A «Franco Acis»)

11 Só uma «planta leguminosa medicina» poderá curar sua «muthers»! Na convalescencia poderá dar-lhe caldos de outra «planta leguminosa do Brasil».—2-2.
S. J. da Barra
SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

12 Surgiu um calção de luma no sitio onde eu tinha batido a erva para os todos para acamar o chapim.—2-1.
Lisboa
VASCO DIAS

AGESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

Grande e variada existencia

SEMPRE AS MELHORES

CONDIÇÕES PARA

Vendas a retalho

Officinas e

Garages

CONSULTEM SEMPRE A MAIS

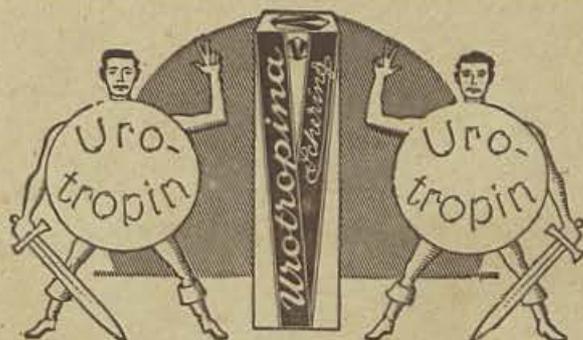
ANTIGA CASA ESPECIALISADA

NESTE RAMO

AUTOMOBILISTA L. DA

RUA ALVES CORREIA, 160

TELEPHONE N. 4218



O "Ançulo" na etiqueta é o distintivo do produto original

Isto deve V. E. sabe-lo quando necessite um medicamento de efeito curativo seguro contra os processos infecciosos das vias urinárias (rins e bexiga). Fixe bem este sinal, pois ele é a garantia de obter um preparado de absoluta acção desinfectante sobre o organismo. Peça sempre uma embalagem original de

Comprimidos Schering de UROTROPINA

que tornam clara a urina turva, influem favoravelmente na prostatites e demais complicações, sendo além disso o remedio soberano contra muitas doenças do fígado.

Tubos de 20 comprimidos.

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

TELEFONE NORTE 3641

KISSEL

De 6 e 8 cilindros

O AUTOMOVEL DA ACTUALIDADE, CONFORTO, ELEGANCIA E LUXO, O PREFERIDO PELOS CONHECEDORES

Pedir catalogos e mais esclarecimentos

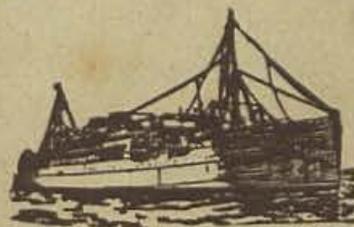
AOS AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL

The Motor Car Stand L.^{DA}

11—Rua Paiva de Andrada—13

TELEF. C. 3100

NELSON LINE



O NOVO E MAGNIFICO PAQUETE

«HIGHLAND MONARCH»

DE 14500 TONELADAS

ESPERADO A 1 DE JULHO

PARA

Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Aires

Para carga e passagens de primeira, intermediaria e terceira classes, tratar com

OS AGENTES:

Em Lisboa — E. Pinto Basto & C.^a, Ltd.

AVENIDA 24 DE JULHO, 1, 1.º

Telefones Trindade 3601, 3602, 3603, 3605

c i n e

grande revista mensal abordando todos os assuntos de CINEMATOGRAFIA

a venda em toda a parte.



NA CIDADELA DE CASCAES

UMA MARAVILHOSA APLICAÇÃO DA INDUSTRIA HESPANHOLA

S. Ex.^a o Senhor Presidente da Republica extingue, por suas mãos, um fogo de grande chamas, em um segundo, disparando a pistola «Antifyre»—o moderno extintor de incendios adoptado pelos Bombeiros Municipaes de Lisboa.

VER NO INTERIOR REPORTAGEM E CRITICA DUM JORNALISTA HESPANHOL AOS NOSSOS SERVIÇOS DE INCENDIOS